



Arquivo

219 Setúbal: O Plano Baker trata apenas do fluxo de caixa

País muda estratégia e agora defende uma negociação conjunta

O governo brasileiro oficializou ontem a mudança de tom no tratamento de sua dívida externa, quando a delegação que participou da reunião do Grupo de Cartagena, em Montevidéu — chefiada pelos ministros Olavo Setúbal e Dílson Funaro —, retornou ao País destacando a necessidade de união dos devedores, mais que a necessidade de negociações em separado com os credores.

"A reunião de Montevidéu definiu, pela primeira vez, um objetivo concreto para que todos os países negociem suas dívidas na mesma direção", avaliou ao final da tarde de ontem o chanceler Olavo Setúbal. O Grupo de Cartagena foi criado há um ano e meio, na Colômbia, sob a expectativa da união dos devedores da América Latina para a negociação conjunta e política com os credores internacionais.

Mas a delegação brasileira de então — chefiada pelos ex-ministros da Fazenda, Ernane Galvêas, e das Relações Exteriores, Saraiva Guerreiro — retornou ao Brasil destacando que cada país deve negociar independente dos demais, já que cada dívida tem um perfil diferente. Desde o início de setembro, com a nomeação de Dílson Funaro para dirigir a Economia, o governo brasileiro vem alterando a forma de negociar com os credores. Ontem, já dentro do País e longe dos demais devedores, o governo

oficializou a mudança do tom dos discursos.

"Foi uma reunião positiva", avaliou o chanceler brasileiro. "Uma reunião que gerou três decisões que considero importantes: primeiro, uma avaliação clara da situação macroeconômica da região feita pelos principais países. Segundo, foram estabelecidos objetivos da negociação que todos os países deverão seguir. Isso fará com que as negociações tenham curso paralelo mas com objetivos semelhantes. Terceiro, foi criado um comitê de acompanhamento do desenvolvimento das negociações e da situação macroeconômica que favorecerá um dinamismo maior dentro do consenso de Cartagena."

Segundo Setúbal, a criação deste comitê de acompanhamento não é a formalização do "clubes dos devedores", mas da idéia de que "há países que estão trabalhando para pagar suas dívidas, e que o fazem por uma decisão de todos, no sentido de não prejudicar o seu desenvolvimento". Quanto ao Plano Backer, Setúbal disse que "o Brasil não é contra, mas apenas acha que o plano ataca somente o problema do fluxo de caixa, e assim mesmo parcialmente. O Brasil entende que existem problemas graves no nível da taxa de juros, das taxas de risco, e na queda muito intensa dos preços dos produtos de exportação da região", completou.